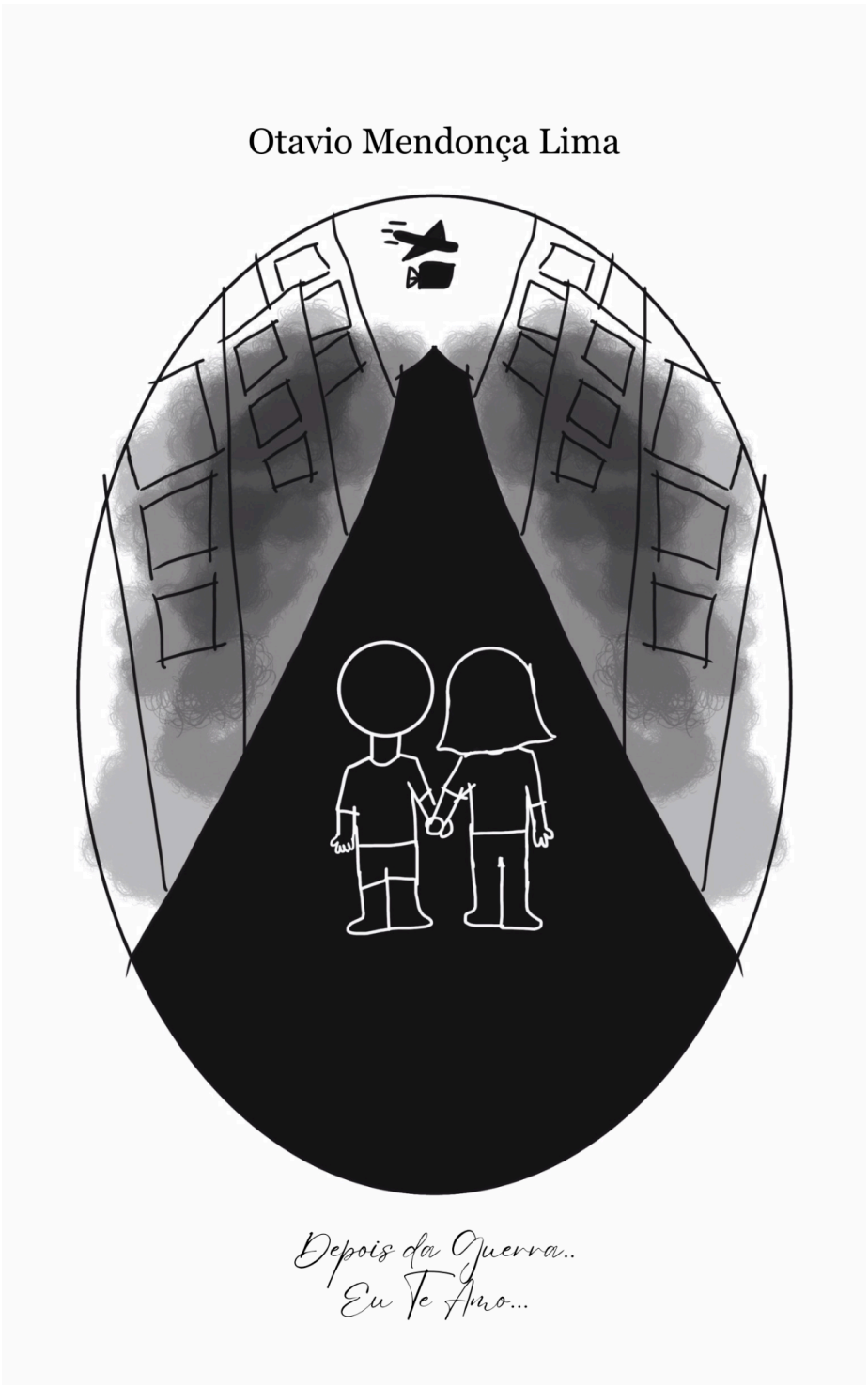

O Princípio do mundo, acontece a mudança, a toda hora, questões climáticas, a saúde do mundo, a vida social, tudo que pode mudar, mas mudou especificamente nesse dia...

23 de maio de 2050

Capítulo 1 - A Última Aula da Vida

Sou Joseph. Tinha 16 anos quando tudo mudou.
Naquele dia de manhã, pensei que seria só mais um dia comum. Acordei cedo, sentei para tomar um café enquanto a TV Russa falava sobre um possível pronunciamento do presidente dos Estados Unidos da América. Nem liguei muito.

Ah Quase Esqueci... Eu Nasci em Nova Jersey, nos EUA. Mas meus bisavós eram russos, e meus pais decidiram eu ir a Moscou, mas especificamente numa escola mais próxima ao Kremlin. lá eu conheci uma russa chamada Katlyn, ela tinha 17 anos na época, e estava no último ano do ensino médio, assim como eu. Estudamos juntos na mesma sala. Mas naquele dia... Aquele dia foi diferente.

O Presidente Americano apareceu na TV. Sério, firme, dizendo que haverá uma operação direta contra alvos russos. Meu coração gelou. Ainda assim, fui para escola. Achei que fosse exagero. Paranoia Política.
Só que, no meio da aula... tudo tremeu. Uma bomba tinha caído perto da escola. A Sirene tocou. Os professores gritaram. E nós corremos sem entender se aquilo era o fim do mundo... ou só o começo.
Quando tocou a sirene, parecia o som da própria morte. Alto, desesperado, repetitivo. Os professores começaram a gritar em russo. Alguns alunos choravam, outros apenas corriam. Eu congelei por alguns segundos sem saber se deveria me levantar ou me esconder embaixo da carteira.
Foi quando alguém puxou meu braço.

-Joseph! Vamos!- era a Katlyn

Os olhos dela estavam arregalados, e as mãos tremiam. Ela me segurava com força, como se aquele toque fosse nos manter vivos. Descemos as escadas correndo; Junto com o resto da turma. Os corredores estavam cheios de fumaça, de gritos, de medo. No subsolo da escola, havia um abrigo anti-bombas que imaginava usar de verdade. Mas agora ele era a nossa única chance. Entramos. Era escuro, úmido, e só ouvia o som da respiração apressada de dezenas de estudantes. Eu me sentei num canto, encostado na parede fria, tentando entender se aquilo era real. Katlyn sentou ao meu lado. Ficamos em silêncio por um tempo, ouvindo o mundo explodir lá fora. Então ela sussurrou:

-Eles vão mesmo deixar a gente morrer aqui?!

Eu não sabia o que dizer. O que eu sabia... é que naquele momento, mesmo sem entender tudo, mesmo com o chão tremendo, eu não queria soltar a mão dela. O tempo parecia congelado

naquele abrigo. Ninguém tinha coragem de perguntar se estávamos salvos, ou se aquele era só o começo do inferno.
A professora de literatura tentou acalmar os alunos, dizendo palavras que nem ela acreditava.
Um menino passou mal.Uma menina desmaiou. A gente ainda ouvia explosões lá fora, mas mais distantes agora. Eu ficava encarando o teto abaixo do concreto, tentando lembrar coisas simples: meu quarto em Nova Jersey, a voz da minha mãe, o cheiro do pão russo que eu odiava e agora parecia algo distante... Katlyn não soltava minha mão. E mesmo sem dizer nada, ela estava me dizendo tudo.

-Joseph...-Ela Sussurrou-Você acha que vai piorar?

Eu respirei no fundo. Meu olhos estavam marejados, mas tentei ser forte. Por mim. Por ela.

-Eu não sei Katlyn... mas se piorar... a gente enfrenta junto.

Ela encostou a cabeça no meu ombro. E por um momento, mesmo em pedaços... eu me senti em paz.
Foi aí que ouvimos passos do lado de fora do abrigo. Barulhos metálicos. Vozes.

Todos se calaram.

A maçaneta da porta começou a girar devagar.

-Abram!-gritou alguém em russo-é o exército!

A porta se abriu com força, e homens armados entraram, apontando lanternas em nossos rostos.

-Vamos evacuar. Agora. Levanta-se!

O abrigo virou um redemoinho de correia e medo outra vez.
Katlyn me puxou, e corremos lado a lado pelos corredores destruídos da escola. E foi ali, entre as paredes rachadas e os vidros quebrados que eu soube:
A Guerra tinha começado. Mas nós dois estávamos vivos. E algo dentro de mim dizia que aquilo... era só o começo da nossa história.

Capítulo 2 - Cidade Cinzas

Quando deixamos a escola, o mundo não era o mesmo.

O céu estava coberto de fumo. Cinzento. A Cidade inteira parecia ter perdido a cor.
Moscou, que eu costumava ver cheia de luzes e carros apressados, agora só silêncio e poeira. As sirenes tinham parado, mas a tensão estava grudada no ar, como uma camada invisível que

sufocava a gente. Soldados Russos nos mandavam andar em fila. Alguns gritavam, outros só apontavam para armas. Ninguém discutia. Ninguém tinha forças.

Eu e a Katlyn seguimos juntos, de mãos dadas. Não era só por proteção. Era por medo de nos perdermos um do outro. Caminhamos por ruas que eu mal reconheço. O Supermercado onde eu comprava refri tinha virado escombros. Um pedaço de ônibus estava no meio da calçada, como um brinquedo quebrado. E Havia sangue. Em muitos lugares. Katlyn chorava em silêncio. Eu só percebi quando senti uma lágrima dela escorrer pelo meu braço.

-A minha casa... fica naquela direção- ela disse baixinho

Apontei com o queixo:
-A Base Militar para onde estão levando os civis é pro lado

Ela me olhou nos olhos. Um olhar que dizia:
“Eu preciso saber se a minha família está viva”

Eu entendi sem precisar de palavras. E foi aí que tomei a minha decisão mais perigosa da minha vida. Soltei da fila. E levei a Katlyn comigo.
A gente correu por entre prédios abandonados, ouvindo gritos distantes e tiros ao longe. Nos escondemos de um carro queimado quando um grupo de soldados passou. Meu coração batia alto que eu achava que eles poderiam ouvir.

-Tá tudo bem?-perguntei a ela, ofegante.

Katlyn assentiu, mas o rosto dela estava pálido, e os olhos cheios de medo. Chegamos até a rua onde ela morava. Ou melhor... onde a casa dela costumava ficar. O prédio de cinco andares tinha sido atingido. Um buraco enorme no meio. As janelas estavam estilhaçadas. Uma parte do prédio tinha desabado.

Katlyn correu até os escombros.
-MAMÃE! PAPAI!-Ela gritava, subindo entre as pedras, com as mãos sangrando-TANYA!

Tanya. A irmã da Katlyn.

-KATLYN! ESPERA!- Eu corri atrás, tentando impedir que ela fosse esmagada por alguma estrutura instável.-CUIDADO!

Ela caiu de joelhos diante do portão de ferro torto.
Eu me ajoelhei ao lado dela.

-Eles... eles não podem ter...-ela sussurrava

Um barulho veio debaixo dos escombros. Um gemido.

-Katlyn?-uma voz fraca. Uma menina.
-TANYA?!-ela gritou

Corremos até o som. Era a irmã mais nova dela, de uns 9 anos, suja de poeira, presa entre duas paredes destruídas, mas viva. Chorando.

-A Mamãe... ela me empurrou pra cá quando o teto caiu... Eu nao sei dela... eu nao sei...- Tanya soluçava.

Katlyn a abraçou com força. Choravam juntas.
Eu ajudei a tirar algumas pedras, e conseguimos puxar a Tanya devagar, com cuidado. Ficamos ali alguns minutos, abraçados, os três, enquanto o mundo desabava ao nosso redor.

E então ouvimos o som de um helicóptero.
-Temos que sair daqui- eu disse -se nos encontrarem aqui, vão pensar que somos detentores.

Katlyn olhou para mim. Ela estava exausta, mas havia uma chama nova nos olhos dela.

-A gente precisa encontrar um lugar seguro. Levar a minha irmã. Descobrir se tem algum centro de abrigo por aqui.
-Vamos juntos. Não vou deixar vocês- eu disse
Ela tocou minha mão com firmeza
-Joseph... por que você fez isso por mim?

Eu engoli seco

-Porque...eu sinto que... você me salvou a minha vida, antes mesmo da guerra começar.

Ela sorriu, com os olhos vermelhos de tanto chorar. E naquele momento, em meio às ruínas, nasceu algo novo.
Não era apenas a sobrevivência.
Era algo mais forte.
Mais humano.

E Mais perigoso do que qualquer bomba:
Começo do amor.

Capítulo 3 - O Primeiro Refúgio

Depois da explosão perto da escola e da corrida desesperada para o abrigo, tudo ao nosso redor parecia mudo. O Som da bomba ainda ecoava dentro de mim, e mesmo que o abrigo estivesse

fechado com grossas portas de metal, meu coração continuava batendo forte. Parecia que ia sair do peito.

Éramos mais de 100 alunos no porão escuro da escola, sem sinal de celular, sem informações, só com a sirene ainda e alguns choravam baixinho. Foi ali que vi Katlyn na parede de concreto, abraçando os joelhos, tentando esconder o medo no olhar.

Me aproximei. Sentei ao lado dela sem dizer nada. Só a presença dela já me dava uma sensação de... estar menos sozinho.

-Eles não vão parar...- Ela sussurrou -Essa Guerra vai engolir a gente também, ne?

Fiquei em silêncio por um tempo, queria dar uma resposta otimista, mas... eu também estava com medo. Ainda assim, eu não podia deixá-la desmoronar.

-Enquanto a gente estiver junto... a gente consegue!- Respondi, finalmente.

Ela virou o rosto pra mim. Pela primeira vez, não parecia só uma colega de sala. Os olhos dela estavam vermelhos, mas ainda assim brilhavam. Como se ela estivesse tentando ser forte por dentro.

Ficamos horas ali. Alguns professores tentavam manter a ordem, dividir um pouco de água e barrinhas de cereal entre todos. Uma professora de história lia em voz alta um trecho de um livro russo antigo, para tentar distrair a turma. Mas a maioria só queria dormir e esquecer. Ou fugir.

Na madrugada, soubemos que as tropas americanas tinham atacado uma base militar ao norte de Moscou. A Rússia respondeu com um bombardeio em território da OTAN. Era oficial. A 3º Guerra Mundial começou.

Depois disso, o silêncio virou regra. Ninguém mais chorava alto. Ninguém mais perguntava nada. Apenas esperávamos. Pela morte. Pela sorte. Por um milagre.

Quando o sol nasceu — ou pelo menos quando imaginamos que fosse dia —, abriram a porta do abrigo.

— Todos pra fora! — gritou um soldado russo com a voz firme.

A luz invadiu o local escuro, e nossos olhos custaram a se acostumar. Saímos em fila. O pátio da escola estava irreconhecível. Cinzas cobriam tudo. Um pedaço do muro tinha desabado. No céu, o som constante dos helicópteros misturava-se ao zunido distante de sirenes.

— Vamos transferi-los para um campo de refugiados — disse uma mulher de uniforme. — Um comboio os levará para a zona rural. Mais segura.

Seguro. Aquela palavra parecia uma piada.

Katlyn segurava firme a mão da irmãzinha, Tanya. Eu fiquei do outro lado, protegendo as duas. Seguimos até os caminhões militares. Eram enormes, fechados, escuros por dentro. Um a um, os alunos e professores foram empurrados para dentro.

O chão da frente da escola estava coberto de fuligem e fragmentos de vidro. Os soldados falavam alto, alguns em russo, outros em inglês. Ninguém explicava nada. Só davam ordens. Apontavam, gritavam, empurravam. Como se fôssemos uma carga viva, não pessoas.

Tanya tremia. Os olhos dela estavam arregalados, perdidos em tudo o que era ruído e fumaça.

— Vai ficar tudo bem, meu amor — sussurrava Katlyn, tentando manter a voz firme. — A gente vai sair dessa. Eu prometo.

Mas dava pra sentir que a voz dela carregava mais medo do que certeza.

Uma mulher tentou discutir com um soldado ao nosso lado.
— Tenho filhos pequenos! Não podem nos enfiar nesses caminhões assim! — ela gritava.

O soldado não respondeu. Apenas apontou a arma para o chão, num gesto seco, que calou qualquer palavra.

Meu estômago revirou. Aquilo não era evacuação. Era um desespero organizado.

Quando chegou nossa vez, hesitei. Olhei para o interior escuro do caminhão. Era como entrar numa caixa metálica sem janelas, sem destino, sem garantias. A cada passo que eu dava em direção àquela porta traseira, parecia que algo dentro de mim gritava que talvez... não houvesse volta.

— Joseph — Katlyn me chamou baixinho. — Vamos juntos.

Assenti com a cabeça. Ela subiu primeiro, com Tanya no colo. Eu logo atrás, ajudando a empurrá-las para dentro com cuidado. O interior do caminhão estava abafado. Alguns estudantes já estavam ali, encostados nas paredes metálicas. Rostos assustados. Silêncio total. Nem parecia haver ar ali dentro.

Eu sentei ao lado das duas. Katlyn colocou Tanya no colo, abraçada como um escudo humano. Encostou as costas na parede do caminhão e fechou os olhos por um instante.

— Você acha que vão nos levar pra um lugar seguro? — ela perguntou.

— Eu não sei... mas se formos juntos, dá pra suportar qualquer lugar.

Ela abriu os olhos e me encarou. E naquele olhar havia algo que dizia mais do que mil palavras. Não era só medo. Era confiança. Era gratidão. Era o começo de algo que a guerra ainda não podia destruir.

A porta traseira se fechou com estrondo. Um soldado a trancou por fora. Ficamos no escuro total, com o som do motor ligando e os gritos dos que ainda estavam sendo organizados do lado de fora. O caminhão balançou. Estávamos em movimento.

Eu olhei em volta. Todos ali estavam assustados. Muitos seguravam as mãos uns dos outros. Alguns rezavam em silêncio. Outros apenas encaravam o chão, como se tentassem sair dali com o pensamento.

Eu encostei a cabeça na parede fria e respirei fundo.
Não fazia ideia de onde estávamos indo.
Mas por alguma razão, estar com Katlyn e Tanya ali — vivos, juntos — me dava a sensação de que ainda existia um caminho.

Talvez o mundo estivesse acabando lá fora.
Mas no fundo do meu peito... uma parte acreditava que esse caminhão não levava só corpos.
Levava a última chance de milagre.

— Eu não sei se quero ir — sussurrou Katlyn. — E se nos separarem? E se for uma armadilha?

Olhei dentro dos olhos dela. Estavam cheios de perguntas que ninguém sabia responder.

— Eu prometo... enquanto eu respirar, você não vai estar sozinha.

Ela não respondeu com palavras. Apenas encostou a testa na minha.

Entramos no caminhão. As portas se fecharam com um estrondo metálico. E o motor começou a rugir.

Eu não sabia para onde estávamos indo. Mas ali, naquela escuridão apertada, com Katlyn e Tanya ao meu lado, eu percebi uma coisa:

Às vezes, o primeiro refúgio não é um abrigo de concreto.
É alguém que não solta sua mão quando tudo está desmoronando.

Capítulo 4 - O Caminho do Milagre

Quando estávamos no caminhão, eu vi na janela, apareceu a minha casa ao lado, nada de arranhão ou bombardeado. Eu automaticamente pedi pro moço parar o caminhão.

-Para o caminhão! Deixe eu ver a minha casa!- Eu dizendo pro motorista.

Ele parou o caminhão. Chamei Katlyn e a Tanya para ir junto.

-Vamos, Katlyn! Vamos, Tanya! Chegamos a minha casa!- Eu dizendo pra elas.

-Mas Joseph... e o caminho do milagre?- Katlyn na Pergunta.

-Esse é o lugar seguro... eu prometo... vou cuidar por que der e vier.- Eu dizendo, com a voz de confiança

Saímos do caminhão.

Quando cheguei na minha casa, os meus bisavós russos não estavam aqui, mas aparentemente tava a carta que estava em cima da mesa, e essa carta tava a língua russa e não entendi, mas a Katlyn traduziu essa carta para mim, e essa carta dizia:

“Querido Joseph. Se você está lendo essa carta, eu e o meu querido, saímos de casa e fomos para o aeroporto às pressas, para que não nos atiram a gente.

Eu sei que está preocupado e assustado com tudo que está acontecendo na nossa terra natal, mas lembra-se: eu nunca vou te esquecer de ti.

Assim que fugir da Rússia, me encontrarei para lhe dar uma boa companhia e empatia. Tome cuidado, meu netinho.

Eu espero que consegue

Abraço, Marchan.”

Marchan, é o nome da minha bisavó.

Eu vi que as minhas bisavós deixaram muita coisa pra mim. Comida. Bebidas. E alimentos crus para eu fazer a própria comida. E percebi que uma TV para vê que está passando. E essa TV dá pra assistir uns canais que não são da Rússia, e quando liguei a TV, caiu num canal da emissora do Brasil, chamada Globo, e tava passando o jornal, que está falando sobre as últimas notícias sobre a Rússia e os EUA. Na notícia, fala que são mais de 500 mil russos que estão mortos e mais de 1 milhão de russos sequestrados por americanos. E nesse momento, eu ajoelhei as pernas, e chorei.

-Por quê?...Por quê?...- eu dizendo baixinho.

A Katlyn estava deitado lendo uns livros russo, e ela escutou a notícia, mas ela não ouviu direito, ela foi para a sala de estar, e perguntou:

-o que houve, Joseph?- ela perguntou

-meio milhão de pessoas... estão mortas aqui!...- eu respondendo na tristeza

-Joseph... não fique assim não...- Katlyn sussurrou- aliás, eu ainda estou viva, mas não sei se vamos viver ainda pela frente... todo mundo vai morrer... pois a vida é o tempo- Katlyn respondeu filosoficamente.

Eu abracei ela fortemente, pela fala que ela diz. Com o sofrimento da vida.

Logo depois, eu fiz a comida para a Katlyn e a Tanya, que foi a Sopa de carne, e elas gostaram muito essa comida, e logo depois do almoço, fomos para a sala para assistir um filme, que é do Charlie Chaplin, "O Garoto", e nessa hora, quase só eu e a Katlyn assistimos, só a Tanya dormiu por alguns minutos.

-Joseph...- Katlyn sussurrava -qual acha o melhor lugar que teve a minha infância com os meus pais?- Katlyn perguntou.

-Eu não sei... o que é?- Eu não sei de nada.

-Um Parque de inverno a noite, que eles sempre me divertiram com eles, sempre adorando os dias antes da guerra... era tão bom... mas quando chegou a guerra, perdi tudo...- Katlyn começou a chorar depois que ela disse.

-Katlyn... você tem um amigo, que eu sou eu. Seus pais estão no seu coração ... confie em mim... eu vou sempre vou te ajudar, com toda esperança...- eu dizendo.

Quando o filme está quase acabando, eu e a Katlyn quase nos beijamos... até que a irmã, Tanya, acordou. Ficamos poucos envergonhados com isso... mas foi num momento bem quase especial.

No dia seguinte, eu ja liguei a TV e foi para o canal inglês, e dizendo mais sobre a guerra, e dizendo que os soldados americanos bombardearam ao centro sul do Kremlin, e depois aparece a minha escola, tudo... destruído, até mostrando os nomes dos professores e dos alunos que foram vítimas na tela mostrando.

E depois quando vi que não tem mais comidas ou bebidas, eu decidi o momento mais desafiador e perigoso da minha vida.

Eu vou sair de casa para ir ao mercado que ainda tem pra pegar uns produtos. Eu tinha que ir ao mercado com o cuidado, e antes de sair eu escrevi a carta para a Katlyn pra saber disso, e essa carta diz:

“Bom dia, Katlyn! Tudo bem? Eu espero que sim. Vou sair de casa para pegar uns produtos do mercado, lá bem próximo da minha casa, vou ficar bem. Tenho certeza. Cuide da sua irmã e vou dar uma surpresa para você, OK?

Um abraço, um beijo, Joseph.

P.S: Se tiver com sede, procure água para tomar.”.

Eu corri muito. Eu escondi muito pra não ser pego no flagra dos soldados americanos. Eu fui ao mercado, para pegar bebidas, comidas e por aí. E depois de pegar os produtos, eu sair correndo pra eu conseguir, e quando eu cheguei em casa, a Katlyn ficou feliz que eu cheguei e ela diz que ficou preocupado, e essa surpresa que eu escrevi na carta, era um girassol e ela amou isso que eu entreguei para ela.

-Nossa Joseph... um girassol... se sabe que são as minhas favoritas, né?- Katlyn dizendo.

-Sério? não sabia disso, Katlyn- eu dizendo.

-Joseph, eu vi na TV, e passou a notícia, dizendo que o Líder Russo vai vim a Washington, para dar um possível cessar-fogo.- Katlyn me contou.

Eu nao sabia que já vai acabar a guerra tão cedo, logo liguei a TV para ver essa notícia, o Jornalista dizendo:

-Agora há pouco, o Líder russo, chegou a capital do EUA, e pode haver um possível cessar-fogo entre a Rússia e os EUA.- diz o jornalista.

Nesse momento, eu fiquei feliz. Mas... não por muito tempo. Pois o presidente americano, recusou o acordo de cessar-fogo, ele explicou dizendo que não acreditava do Líder Russo, e diz que até que ele (Líder Russo) perdoar com as coisas que ele fez as guerras.

“Presidente dos EUA, se recusou ao acordo de cessar-fogo com o Líder Russo, pois ele [Presidente do EUA] tem que esperar pelo tempo determinado, que o Líder se perdoe com coisas ilegais que ele fez nas guerras. - diz o porta-voz da Casa Branca.

Eu senti que o fim está próximo de nós, que não queria isso acontecer...

No dia seguinte, a Tanya, encontrou a letra que os pais contavam para ela, chamado "Passarinho do Céu Cinza". Referindo a paz. Referindo a harmonia. Ela mostrou para mim, e quando li a letra, lembrei do passado que era bom e do melhor. Eu contei para a Katlyn sobre essa canção.

-Joseph... essa canção, os meus pais sempre cantavam pra mim e pra Tanya, e adorava essa canção... e como achou essa canção?

-A sua irmã reencontrou essa música, ela explicou que quando estava presa nas paredes, ela achou o papel, que era a letra da música- eu explicando.

A Katlyn entendeu com toda a explicação minha, ela chorou pelas saudades dos pais dela.

-Eu... sinto a falta dos meus pais... eu quero viver até o fim... da vida...-Katlyn soluçava.

Eu tentei acalmar ela, mas eu sei que sente saudades pelos pais. Mas eu não via os meus pais desde que eles me levaram de Nova Jersey a Moscou, ou seja, uns 10 anos que não vejo eles...

E depois da tristeza, eu percebi que eu tenho UNO na minha mochila, e joguei por ela e a irmã por horas, enquanto tocava no rádio. Mas, no meio da brincadeira, eu ouvi um barulho da porta abrindo da minha casa.

-Katlyn... onde está você...- é um homem desconhecido mas é o soldado.

A Katlyn me puxou e a Tanya para o quarto da bisavó às pressas. Eu fiquei sem entender nada.

-Katlyn... o que houve?- eu sussurrei
-é o Mark... ele é... tarado.- Katlyn explicando
-Não fique assustado... eu estou aqui para ajudar- Mark sussurrava em tom de psicopata.

Ele procurou Katlyn por minutos, mas ele não conseguiu encontrar ela. Mas nós ficamos por horas debaixo da cama da minha bisa, pois não ouvimos mais os passos do Mark. Depois de 3 horas, saímos do quarto, e eu perguntei a ela sobre quem é esse tal de Mark.

— Katlyn, quem é esse tal de Mark?

Ela fechou os olhos por um instante, respirou fundo e começou a falar, como se cada palavra pesasse na garganta.
— Mark era um colega da escola. No começo, eu nem dei muita atenção, ele parecia só um aluno normal, quieto e meio esquesito, mas nada assustador. Só que com o tempo, ele começou a me seguir. Não só fisicamente, mas ele aparecia em lugares que eu frequentava — às vezes na aula, outras vezes fora dela. Comecei a perceber que ele sabia até onde eu ia, o que eu fazia.

Katlyn olhou para o chão, tentando controlar o tremor na voz.
— Ele mandava mensagens, mensagens que me deixavam arrepiada. Coisas como “sei onde você está”, “não pode escapar”, “vou sempre te ver”. Eu fiquei com medo e tentei falar com a diretoria da escola, com a polícia, mas ninguém levou a sério. Eles achavam que eu estava exagerando, que era só coisa da minha cabeça.

Eu sentei ao lado dela, apertando sua mão, sentindo a angústia dela.
— Você contou para alguém da sua família?

Ela balançou a cabeça negativamente.
— Não. Eu não queria preocupar ninguém. E, no fundo, eu sentia que ninguém poderia me proteger dele. Ele sempre aparecia de surpresa, me observando, me assustando. Às vezes eu ouvia passos atrás de mim no corredor e sabia que era ele.

Ela me encarou com os olhos cheios de lágrimas, a voz embargada.
— Eu tentei fugir da escola, mudar de caminho para casa, mas Mark sempre achava um jeito de me encontrar. Foi quando eu percebi que ele não era só um garoto assustador… ele virou um stalker, um homem perigoso.

— E agora? Você acha que ele sabe que estamos aqui? — perguntei, com medo real.

Katlyn respirou devagar, tentando manter a calma.
— Eu tenho que sim. Ele apareceu hoje, procurando a gente. Eu não sei o que ele quer, mas não é nada bom. Ele é imprevisível, e eu sinto que isso só está piorando.

O quarto ficou em silêncio, pesado. Eu pensava rápido, tentando bolar um plano para proteger Katlyn e a Tanya. A sensação de perigo real pairava no ar, e eu sabia que a nossa luta por segurança estava só começando.

Eu sabia que não podia dormir naquela noite.

Não depois do que Katlyn contou. Não depois de saber que Mark ainda estava vivo — e pior, à solta, no meio de uma guerra, sem regras, sem limites.

Fechei todas as janelas. Tranquei as portas com tudo que tinha. Coloquei cadeiras, móveis e até um pedaço de ferro travando a entrada. Era como montar uma trincheira dentro de casa. Um abrigo improvisado para três corações aterrorizados.

Tanya dormia no sofá, abraçada a um urso de pelúcia velho que encontrou na casa. Katlyn sentou-se ao meu lado, na cozinha escura, iluminada apenas pela chama fraca de uma vela. Ela tremia, mas segurava firme uma faca de cozinha — a única arma que conseguimos.

— Ele pode voltar — ela sussurrou.

— E se voltar... eu estarei pronto — respondi.

Ela me olhou com um tipo de tristeza que eu nunca tinha visto. Era medo, dor, vergonha e esperança misturados num olhar só.

— Eu não quero fugir de novo, Joseph.

— Então a gente luta. Juntos.

Ficamos em silêncio por longos minutos.

Até que, pela primeira vez desde que tudo começou, ela encostou a cabeça no meu ombro, e disse:

— Obrigada... por não me deixar sozinha. Mesmo com o mundo acabando.

— Eu não prometo que vai ser fácil, Katlyn... mas eu prometo que vou tentar. Te proteger. A Tanya também. E talvez... proteger o que sobrou da gente.

Ela respirou fundo. E naquele momento, nos olhos dela, eu vi uma chama. Fraca, mas viva. O tipo de chama que resiste à guerra, ao medo, e até ao passado.

Aquela noite passou devagar. Mas sem ataques. Sem Mark. Sem bombas.

Pela primeira vez... tivemos paz.

De manhã, o céu estava cinza, como sempre. Mas havia um cheiro diferente no ar. Uma brisa leve. Como se o mundo estivesse cansado de tanto sofrimento.

Enquanto preparamos um pouco de comida, o rádio sintoniza numa frequência estranha. Um locutor russo, com voz cansada, dizia:

“Há rumores de uma nova proposta de cessar-fogo. Representantes da ONU estão medindo uma reunião de emergência em Genebra. Civis devem se manter abrigados e atentos. Esperança... talvez... esteja voltando.”

Katlyn me olhou, esperançosa. Tanya sorriu.

Mas eu não sorri. Porque eu sabia: antes da paz chegar... o inferno pode visitar mais uma vez.

E naquele momento, enquanto olhava para as duas, eu entendi.

O caminho do milagre... não era feito de sorte.

Era feito de escolhas.

E a minha... era nunca mais deixá-las sozinhas.

Capítulo 5 – O Primeiro Amor

Um ano se passou desde que o mundo desabou.

Ainda éramos só três naquela casa: eu, Katlyn e Tanya.
A guerra não tinha acabado, mas estava diferente.
Os bombardeios deram lugar a negociações tensas, e os tiros foram sendo substituídos por silêncios longos e ameaçadores.

Mas dentro de casa... a vida tentava voltar.
Entre sustos e alertas, a gente criava rotinas. Almoçava junto, ria de bobagens, improvisava jogos com baralhos e latas vazias. Era como construir um lar em cima dos escombros.

Katlyn cresceu muito nesse tempo. Não só em idade, mas por dentro.
Ela virou uma espécie de segunda mãe para a Tanya.
Mesmo com o medo, com a saudade dos pais, com os pesadelos... ela sorria.

E hoje... era o aniversário dela.

17 de junho.
Ela completava 18 anos.

Tanya acordou primeiro e correu pra dar um abraço.
— Parabéns, mana! Você é a melhor irmã do mundo!

Katlyn sorriu, ainda de pijama, com os cabelos bagunçados.
— Obrigada, passarinho. Que bom te ter aqui...

Esperei alguns minutos, deixei as duas conversarem, depois fui até a cozinha.
Preparei um pedaço de pão com geleia e tentei colocar um fósforo aceso em cima como se fosse vela.
Ela riu da minha tentativa.
— Isso é um bolo?
— É o que temos. O gosto é mais simbólico do que doce.
Ela mordeu o pão e me olhou com carinho.
— Foi o melhor "bolo" da minha vida.

Depois do almoço, ela colocou um casaco velho e prendeu o cabelo num rabo de cavalo.
Tanya ficou com os fones no ouvido, ouvindo a tal música dos pais: *Passarinho do Céu Cinza*.
Peguei Katlyn pela mão e fomos andando pelas ruas abandonadas.

O mundo ainda era cinza. Mas o céu... naquele dia... tinha um pouco de azul.
O vento era leve. O ar, mais silencioso que o normal.
Caminhamos por mais de 20 minutos.
Ela estava quase reclamando... até que parou.

— Joseph... espera... — ela disse, com a voz embargada.

Ela olhou pra frente.

Lá estava ele.
O parque de inverno.
Coberto por neve fina, árvores secas... mas ainda de pé.
O mesmo parque que ela descreveu um ano atrás.
Aquele onde brincava com os pais. Onde ria. Onde era só uma menina feliz.

Ela levou a mão à boca, emocionada.
— Como... como você soube?
— Eu lembrei. Você me contou. Um dia antes da gente quase se beijar no sofá...
— Você lembrou mesmo depois de tudo?
— Katlyn... eu nunca esqueci nada que veio de você.

Ela caminhou até um banco de madeira quebrado e sentou. O vento soprava leve.
Eu me sentei ao lado.

Ficamos em silêncio por alguns minutos, só ouvindo o som da cidade distante, como se o tempo tivesse parado ali.
Passarinhos cantavam, mesmo em meio ao frio.
Havia algo mágico naquele instante. Algo que nem a guerra tinha conseguido destruir.

— Joseph... — ela disse baixinho — obrigada.
— Por quê?
— Por não desistir de mim. Por me dar isso. Mesmo quando o mundo ainda está despedaçado.
— Katlyn... — eu respirei fundo — se você... depois da guerra...
— Sim?

Eu encarei os olhos dela, firmes, vulneráveis, vivos.
— Eu quero dizer... *Depois da Guerra... Eu Te Amo...*

Ela virou devagar, os olhos úmidos, brilhando como nunca.
Um sorriso pequeno apareceu nos lábios dela.
— Joseph... eu sei que me ama.

Ela segurou minha mão com delicadeza.
— Eu também te amo...
Fechou os olhos por um instante, e então sussurrou:
— Assim... *Depois da Guerra...*

E ali, entre a neve antiga e o vento de esperança... **nós nos beijamos**.
Nosso primeiro beijo.
O primeiro amor.
No parque onde a infância dela viveu... e onde o nosso futuro começou.

Voltamos pra casa de mãos dadas.

A neve ainda caía leve, fina, como se o céu estivesse abençoando aquele momento.
Eu não sabia se o mundo melhoraria no dia seguinte, mas sabia que aquele dia... já tinha valido tudo.

Tanya dormia no colchão da sala, encolhida, com o rádio tocando bem baixinho uma versão instrumental da música que os pais dela costumavam cantar.
O ambiente era calmo, raro. A guerra parecia, por um instante, ter saído para respirar.

Katlyn acendeu uma vela no quarto da bisavó e me chamou com um gesto.
— Vem, Joseph... Só um pouco mais do meu aniversário.

Entrei atrás dela. O quarto estava com um brilho quente, quase mágico.
O girassol que eu tinha dado a ela dias atrás estava ali, firme num copo com água.
Ela se sentou na cama, e depois me puxou pela mão.

— Hoje... foi o melhor dia do meu ano — ela disse. — Talvez da minha vida.

— Eu só queria te ver feliz. Pelo menos um pouco. Depois de tudo...
— E conseguiu.

Ela olhou nos meus olhos com uma expressão que misturava gratidão, ternura e uma coragem nova.

— Joseph... você é o meu lar agora.
— E você é minha salvação.

Nos aproximamos devagar. E nos beijamos de novo.
Com mais calma. Com mais certeza.
Como se nossos corações tivessem esperado por esse momento desde o dia em que a sirene tocou pela primeira vez.

Deitamos juntos, lado a lado, sem pressa, com a respiração se encontrando.

Os toques eram leves. Os sorrisos eram tímidos.
Nenhuma palavra foi dita por um tempo... porque tudo já estava sendo dito no silêncio.

Ela encostou a cabeça no meu peito, e ali ficamos.

E naquela noite, nossos corpos também se encontraram.
Não por impulso. Não por curiosidade.
Mas por amor.
Puro.
Simples.
Real.

Não houve promessas exageradas.
Nem declarações gritadas.
Apenas dois jovens sobreviventes que, em meio à guerra, encontraram no outro... o lugar onde o mundo ainda fazia sentido.

Depois, ela dormiu com a mão entrelaçada à minha.
E eu fiquei ali, sentindo o coração dela bater... suave, forte, cheio de vida.

O vento batia na janela.
Mas dentro daquele quarto, tudo era silêncio.
Tudo era paz.

Beijei sua testa.

— Feliz aniversário, Katlyn... Você é o meu milagre.

E antes que meus olhos se fechassem, ouvi a voz dela, baixa, sonolenta... mas cheia de certeza:

— Eu te amo, Joseph.

Sorri, com o coração leve como nunca.
— Eu também te amo... Depois da Guerra.

E pela primeira vez desde que tudo começou...

nós dormimos em paz.

Capítulo 6 - O Inicio da Esperança

O sol entrou pela fresta da janela como se fosse a primeira luz de um novo mundo.

Era estranho ver o quarto banhado por uma claridade tão suave.
Depois de tanto tempo vivendo entre ruídos, sirenes e sustos, aquele silêncio... quase assustava.

Katlyn ainda dormia ao meu lado, tranquila.
O cabelo caía sobre os olhos, e o rosto parecia leve, sereno.
Eu não queria me mexer. Queria guardar aquele momento pra sempre.

Mas lá fora, o mundo não parava.
A guerra não acaba só porque o amor chegou.

Desci devagar até a sala. Tanya já estava acordada, desenhando num caderno velho com páginas rasgadas.
— Bom dia, Joseph!
— Bom dia, passarinho. Dormiu bem?
— A Katlyn cantou baixinho pra mim antes de dormir... aí eu sonhei com um lugar cheio de árvores amarelas.

Ela apontou o desenho. Era uma floresta com folhas caídas, e três figuras de mãos dadas.

Sorri.

— É a gente?
— É.

Ela apontou uma árvore no canto.
— E isso aqui é a esperança.
— Como assim?
— A árvore que continua de pé, mesmo depois do fogo.

Me sentei ao lado dela, tocado. Era só uma criança, mas falava como alguém que viu o mundo inteiro ruir... e ainda assim acreditava que ele podia florescer de novo.

O rádio estava ligado, baixinho.
Uma jornalista inglesa falava entre chiados:

— Após um ano de confrontos, as lideranças de diversas nações se reuniram em Genebra para mediar o primeiro acordo global de cessar-fogo.
Representantes da Rússia, dos Estados Unidos e da OTAN finalmente sentaram na mesma

mesa. A ONU confirmou: existe um esboço de trégua.
Ainda não é a paz... mas é o início da esperança.

Meus olhos se encheram d'água.

Depois de tudo... depois de correr entre ruínas, esconder Tanya sob escombros, fugir de soldados, enfrentar o frio, o medo, a dor...
uma possibilidade real surgia.

Trégua.
Essa palavra soava como um milagre.

Katlyn desceu alguns minutos depois, ainda com o girassol na mão.
— Que foi? — ela perguntou. — Por que essa cara?

Tanya correu pra ela e abraçou forte.
— Eles tão tentando parar a guerra, mana. De verdade!
— Sério?

— A ONU mediou um acordo — falei. — Tá começando. Ainda é cedo... mas parece real dessa vez.

Ela se sentou no sofá devagar.
— Meu Deus... será? Depois de tudo isso?

— Não sei quanto tempo vai levar... mas é a primeira vez que a gente ouve algo assim.

Ela apertou o girassol contra o peito.
— Talvez meus pais tenham sonhado com isso. Que a gente sobrevivesse até esse dia.

Ficamos abraçados os três por um bom tempo.
Nenhum de nós disse nada.
Mas no silêncio... todos sentimos.

E naquela manhã, por mais estranho que parecesse, a casa estava cheia de um novo tipo de som:
o som da esperança.

Os dias seguintes foram diferentes.

Ouvimos notícias de que aviões pararam de voar sobre Moscou.
Que alguns soldados recuaram.
Que voluntários médicos estavam cruzando fronteiras.
Que abrigos estavam sendo abertos.

Katlyn ficou dias organizando os papéis da família. Procurava algum documento que ajudasse a provar que existiam.

Tanya voltou a desenhar com mais cor.
E eu... comecei a escrever num caderno velho, com capa rasgada.

"Se um dia alguém encontrar esse diário, quero que saiba:
nós sobrevivemos.
Não porque éramos os mais fortes, mas porque não deixamos de amar.
E foi isso que nos salvou."

Numa tarde nublada, Katlyn me chamou até a janela.
— Joseph... olha ali.

No céu, um drone da ONU passava devagar.
Logo atrás, um helicóptero com bandeira branca.

Ela me abraçou por trás e falou:
— Isso é real, né? Estamos mesmo vendo a guerra acabar?

— Ainda pode ter muita dor pelo caminho, Katlyn.
— Eu sei. Mas hoje... eu quero acreditar.

Sorri.
— E eu quero acreditar com você.

Naquela noite, acendemos velas.
Fizemos uma janta improvisada com enlatados e pão amanhecido.
Tanya fez um "brinde" com água de chuva:

— Ao mundo... que não desistiu da gente.

Rimos.

Katlyn me olhou e disse:

— Quando essa guerra acabar, Joseph... o que você quer fazer?

Pensei por alguns segundos.
— Quero viver. De verdade. Talvez voltar pra Nova Jersey... encontrar meus pais. Mas só se vocês forem comigo.

Ela ficou em silêncio por um instante.
Depois, sorriu.

— A gente vai aonde você for.

E ali, naquela mesa improvisada, com comida fria e velas derretendo...
a gente sonhou com um futuro.

Pela primeira vez, sem culpa.

Porque a esperança... tinha voltado.
Pequena. Frágil.
Mas viva.

E às vezes, tudo o que a gente precisa é disso:

Uma razão pra continuar lutando.

Naquela noite, antes de dormir, Katlyn me chamou pra fora da casa.

Estava frio. O chão ainda tinha restos de neve pisada e suja.
Mas acima das nuvens densas, havia uma fresta de céu aberto.
E por essa fresta... uma única estrela brilhava.
Sozinha. Mas firme.

— Joseph... — ela disse, abraçada a si mesma — olha aquilo.
— Uma estrela?
— É a primeira que eu vejo desde que a guerra começou.
— É sinal de sorte?
— Pra mim... é sinal de que Deus ainda tá olhando pra gente. Mesmo em silêncio.

Ficamos em silêncio por alguns minutos.
O vento passava entre as ruínas como um sussurro antigo.
Katlyn se encostou em mim.

— Sabe o que eu pedi pra essa estrela? — ela perguntou.
— O quê?
— Que isso tudo acabe. Que a gente possa viver.
Ela respirou fundo. — Que a Tanya cresça sem mais medo...
... e que você esteja comigo quando tudo isso terminar.

— Eu vou estar.
— Promete?
— Prometo com tudo que tenho.

Ela me olhou. Nos olhos dela ainda havia cansaço, sim.
Mas pela primeira vez... não havia desespero.
Havia amor.
E fé.

Tanya apareceu na porta logo depois, abraçando um cobertor.
— Vocês vão ficar olhando pro céu até quando?
— Até o amanhã chegar — Katlyn respondeu, sorrindo.

Voltamos pra dentro.
A vela no quarto ainda queimava lenta.
O girassol no copo de vidro começava a murchar nas pontas.
Mas estava lá. De pé.

Katlyn deitou com Tanya no colchão da sala, cobrindo ela com cuidado.
— Boa noite, passarinho.
— Boa noite, mana... boa noite, Joseph...
— Boa noite, pequena luz.

Eu ainda fiquei acordado por mais um tempo.

Peguei o caderno velho onde comecei a escrever minhas memórias e anotações.
A primeira folha já estava cheia. Então escrevi na segunda:

"*Hoje vi uma estrela. E ela não caiu.*
Talvez seja um sinal.
De que nem tudo que brilha precisa desaparecer.
E que nem toda guerra termina com silêncio...
Algumas terminam com amor."

Fechei o caderno com cuidado.
Apaguei a vela.

Me deitei no chão ao lado delas.
Senti o calor da presença das duas, e a paz de saber que estavam vivas.
Que ainda estávamos juntos.

E naquela noite...
depois de tudo que já tínhamos vivido...
nós dormimos em paz.

Mas no fundo da minha mente, uma pergunta batia como tambor:

Quanto tempo a paz consegue resistir... antes de desmoronar outra vez?

E ali, naquele fim de noite... com o coração dividido entre sonho e medo...
eu soube:

A esperança tinha nascido.
Mas o mundo lá fora... ainda tinha contas a acertar.

Capítulo 7 – Quando o Silêncio Grita

A paz que sentimos naquela noite durou... mas só por algumas horas.

Acordei com o som do rádio chiando.

Fazia tempo que ele não dava sinal sozinho. Geralmente tínhamos que mexer bastante até pegar alguma estação. Mas, dessa vez, ele simplesmente ligou. Como se algo quisesse ser ouvido.

A voz era baixa. Fraca. Mas firme:

"Atenção. As negociações pela trégua continuam. Mas há sinais de tensão em áreas próximas a Moscou. Helicópteros sobrevoam zonas civis. Silêncio absoluto foi ordenado pelas tropas russas..."

Silêncio absoluto.

Engraçado como duas palavras tão simples podiam soar tão... perigosas.

Me levantei devagar e fui até a janela.
O céu ainda estava cinzento.
A rua, vazia como sempre.
Mas havia algo diferente no ar. Como se o vento soprasse de outro jeito.

Katlyn acordou logo depois.

— Que foi? — perguntou, com os olhos ainda pesados.
— O rádio falou sobre helicópteros por perto... e silêncio forçado nas zonas civis.
— Isso quer dizer...?
— Que algo está se preparando. E ninguém quer que a gente saiba.

Tanya bocejou, se arrastando pelo corredor.
Estava com os cabelos bagunçados e abraçada ao ursinho dela.

— Tive um sonho estranho — disse baixinho. — Tinha uma ponte... e pessoas correndo. E no fim... alguém gritava... mas ninguém respondia.

Eu e Katlyn trocamos olhares.

A casa estava fria aquele dia.
Mais do que o normal.

Aqueci um pouco de sopa enlatada e fiz um café fraco com o que sobrou do pó que encontramos escondido nos fundos do armário.
Katlyn parecia inquieta.
Olhava o tempo todo pela janela.
Tanya desenhava, mas dessa vez... sem cor.

— Tá tudo bem? — perguntei pra Katlyn.
Ela hesitou antes de responder.
— Ontem à noite... depois que você dormiu...
— O quê?
— Eu ouvi um helicóptero. Bem baixo. Sobrevoando aqui por perto. Sem luz. Sem som de sirene.
— E por que não me acordou?

— Porque eu tive medo que fosse só coisa da minha cabeça.
— E se não for?

Ela abaixou o olhar.
— Então talvez... a trégua esteja prestes a desabar.

O resto do dia foi lento.
Tudo parado demais.
Nenhum som. Nenhum aviso. Nenhuma movimentação.
E esse silêncio... gritava.

À noite, escrevi no caderno de novo:

“A paz verdadeira não é o silêncio.
A paz é quando o silêncio não assusta.”

Mas agora... o silêncio me assustava.

Antes de dormir, sentei ao lado de Katlyn na varanda da frente.

Ela estava olhando pro céu escuro.

— Você sente isso também, né? — perguntei.
— Sinto. Como se algo estivesse pra acontecer.
— Eu odeio isso. A espera. O medo calado.
— É como se a guerra tivesse prendido a respiração.

Ela segurou minha mão.

— Você acha que... a gente vai conseguir sair daqui?

Demorei pra responder.

— Se for preciso... a gente corre. A gente luta. A gente sobrevive.

Ela assentiu.

E ficou ali, com a cabeça encostada no meu ombro, até o frio ficar forte demais pra aguentar.

Voltamos pra dentro.
Tanya já dormia.
E mais uma vez...
nós apagamos a vela, e dormimos abraçados.

Mas nenhum de nós conseguiu realmente descansar.

Porque naquela noite, o silêncio gritava.

E no fundo, sabíamos:

A esperança estava viva...
mas o perigo estava acordando.

Capítulo 8 – Amanhã Pode Ser Tarde

A manhã começou com chuva fina.

Aquelas gotas que mal molham, mas que fazem o frio entrar nos ossos.
O rádio estava mudo. O céu, opaco.
E o silêncio... continuava.

Katlyn estava debruçada na janela, olhando os pingos caindo sobre a terra dura e suja da rua.
Tanya ainda dormia, abraçada ao seu desenho favorito: o sol nascendo atrás de três árvores.

Sentei na beirada do sofá e passei as mãos no rosto.
A sensação era de que algo estava prestes a acontecer.
Algo ruim. Algo irreversível.

— Joseph... — Katlyn me chamou sem olhar pra trás — eu acho que a trégua não vai durar.

— Eu também tô sentindo isso.

Ela apertou os braços em volta do corpo.
— Ontem à noite... eu vi dois homens armados passando do outro lado da rua. Não pareciam russos. Estavam com uniforme escuro.

— Americanos?
— Não sei. Mas não pareciam de nenhum exército regular.
— Mercenários?

Ela assentiu, sem falar.

Depois do café fraco e de dividir uma lata de milho com arroz velho, decidimos verificar os mantimentos.
A caixa estava quase vazia.
Só restavam:

1 enlatado de feijão
1 garrafinha de água limpa
Um punhado de bolachas úmidas

— Não dá pra passar da semana assim — falei, sério.

Katlyn me encarou com um olhar que misturava dor e decisão.

— Eu vou com você.

— Não.
— Joseph...
— Eu disse que não. Eu conheço o caminho. Sozinho é mais rápido.
— E se você não voltar?

— E se a gente sair juntos e for uma armadilha?

Ela respirou fundo.
Olhou pro chão.
— Então promete que volta.

— Eu volto.

Ela se aproximou e me abraçou. Um abraço apertado, como se dissesse adeus sem querer dizer.
Tanya apareceu, esfregando os olhos.

— Vocês vão sair?
— Só eu, passarinho — falei. — Vou buscar mais comida.

Ela correu pro quarto e voltou com um pedaço de papel.
No meio dele, um desenho novo.
Três figuras, como sempre. Mas agora com asas nas costas. E no fundo... o que parecia ser uma casa com bandeira branca.

— Pra te proteger. — Tanya disse.
— Obrigado, pequena luz.

Mais tarde, enquanto separava o casaco e uma faca velha que ainda tinha fio, Katlyn me entregou um lenço.
Era o da mãe dela.
Branco, com detalhes azuis costurados à mão.

— Leva com você. É o último que restou.
— Tem certeza?
— Minha mãe dizia que ele trazia proteção. Agora ele é seu.

Guardei no bolso da blusa.
Apertei sua mão.

— Se eu demorar mais do que o normal, se ouvirem algo estranho, vocês se escondem. Tá bem?

Ela assentiu.

E antes que eu passasse pela porta, Katlyn me puxou.
Me beijou.
Forte.
Com pressa.
Com medo.

— Volta, Joseph. Por favor... volta.

— Eu volto. Eu prometo.

Quando saí na rua, o mundo parecia ainda mais cinza do que de costume.
As casas em ruínas pareciam estar me observando.
E as nuvens no céu... pareciam segurar alguma coisa que estava prestes a cair.

Enquanto caminhava, só pensava em uma coisa:

Amanhã pode ser tarde.

Mas eu precisava tentar.

Por elas.
Por mim.
Pelo que ainda restava do nosso mundo.

Capítulo 9 - Chuva de incertezas

O mundo lá fora parecia outro.

Não era só o frio.
Nem o silêncio.
Era o tipo de escuridão que não vem da falta de sol... mas da ausência de certezas.

A cada passo que eu dava, o ar ficava mais pesado.
Não havia vozes.
Não havia passos.
Mas havia a sensação de que alguém... ou algo... me observava.

As ruas pareciam estagnadas no tempo.
Casas destruídas. Portas arrancadas. Telhados partidos ao meio.
Algumas tinham rabiscos nas paredes. Outras, marcas de sangue seco.

Segui pelo caminho que sempre fazia.
O mercado ficava a quase trinta minutos dali, cortando por ruas vazias e por um túnel de metrô abandonado.

No caminho, vi algo que me travou:
Um boné infantil jogado no chão.
Do lado, uma sandália pequena.

Olhei em volta.
Ninguém.

Mas o meu coração apertou.

Ao atravessar a rua principal, ouvi algo de longe.

Zuuummm...

Não era carro.
Não era trovão.
Era o som grave de hélices.

Olhei para o céu.

Entre as nuvens, um ponto escuro passou voando baixo.
Um helicóptero. Sem bandeira.
Sem marcação.
Sem aviso.

Abaixei, me escondendo atrás de uma pilha de escombros.
Esperei.
O helicóptero passou.

Mas o som... ficou.

Outros passos.

Devagar. Arrastados.
Como se alguém estivesse vasculhando as casas ao redor.

Fiquei imóvel.

Com a faca na mão e o coração martelando no peito, esperei até o som se perder.

Depois me levantei e corri.
Corri como se minha vida dependesse disso.

Cheguei ao mercado.

Metade do teto tinha caído. A entrada lateral estava escancarada.
Dentro, um cheiro de mofo e comida podre enchia o ar.

Mesmo assim, vasculhei prateleiras.

Encontrei:

- Duas latas de milho
- Um pacote de arroz vencido
- Uma garrafinha de água lacrada
- Um isqueiro funcionando

Tudo dentro de uma mochila furada que encontrei perto do caixa.

Quando me preparava pra sair, o rádio que levava no bolso chiou.
Uma voz abafada saiu entre os chiados:

> *— ...ofensiva americana retomada... fracasso na trégua... confronto no setor leste de Moscou... soldados avançando...*

Meus olhos se arregalaram.
O acordo estava ruindo.
A guerra estava voltando.
E **Katlyn e Tanya... estavam sozinhas.**

Saí do mercado sem pensar duas vezes.
Corri pela rua.
Dei a volta pelo túnel pra cortar caminho.
Mas lá dentro... ouvi um som.

Um estalo.
Depois outro.
Depois um assobio= curto.

— Merda... tão me seguindo.

Apertei o passo.

Não dava mais pra voltar pelo mesmo caminho.
O risco era grande demais.

Mas eu não podia falhar.
Elas estavam esperando por mim.
Confiando em mim.

E no fundo da minha mente, uma frase ecoava:

"Volta, Joseph... Por favor... volta."

Quando saí do túnel, o céu estava mais escuro.
E começou a chover.
Chuva grossa. Suja.
Como se o céu estivesse chorando pelo que estava por vir.

Eu corria, com a mochila apertada contra o peito, e os olhos buscando por qualquer sinal de perigo.
Mas por dentro... eu já sentia:

O tempo estava acabando.

A guerra não tinha terminado.
Ela só tinha segurado a respiração.

E agora...
ela estava prestes a gritar de novo.

Capítulo 10 – Última Despedida

A chuva não parava.

Cada gota parecia mais pesada.
O chão se transformava em lama.
E o céu... parecia desabar, pouco a pouco, sobre mim.

Corri o máximo que pude.
O rádio no bolso seguia chiando, cuspindo palavras que eu mal conseguia entender.

“...ofensiva no perímetro sul...”
“...tropas americanas em avanço...”
“...áreas civis sob risco...”

Mas eu só pensava em uma coisa:
Katlyn. Tanya. A casa.

Quando virei a esquina da rua onde ficava nosso abrigo, senti uma coisa errada.

As grades da cerca... estavam abertas.
A porta da frente... entreaberta.
O girassol que ficava no copo perto da janela...
caído no chão.

Engoli seco.

Me aproximei com a faca na mão.

A porta rangeu ao abrir.
A madeira molhada e suja rangia como se gritasse por socorro.

— Katlyn...?
— Tanya...?

Silêncio.

Entrei com o coração batendo no ouvido.

O colchão na sala estava revirado.
O cobertor dela... jogado no canto.
O desenho da Tanya... rasgado ao meio, no chão.
A vela... apagada.
A mochila da Katlyn... **desaparecida.**

— Não... — sussurrei. — Não, não, não...

Fui até o quarto.
Vazio.
Sem rastros.

Comecei a procurar em todos os cantos.
Banheiro, porão, armário.

Nada.

Nada.

A única coisa que encontrei foi o lenço da mãe da Katlyn... jogado no chão, sujo de lama e sangue seco.

Naquele momento, algo em mim... quebrou.

Me ajoelhei no chão e gritei.
Um grito rouco. Desesperado.
Como se arrancasse a alma do peito.

— KATLYN!!
— TANYA!!!

Corri pra fora da casa.
A chuva batia no rosto como agulhas.
As ruas... vazias.

Só o som do vento.
Só o som da chuva.
Só... o vazio.

Então ouvi.

Pah.

Um tiro.

Distante.
Seco.
Real.

Meu corpo congelou.

Os olhos arderam.
O estômago virou um nó.

— NÃO...

Saí correndo pela rua.
Pisei em poças. Quase caí.
Virei esquinas.
Gritei de novo.

— KATLYN!!!
— TANYAAAA!!!

Mas não havia resposta.
Não havia ninguém.

A única coisa que encontrei foi um lenço de Tanya preso numa grade.
Molhado. Tremendo com o vento.
Como se fosse... um adeus.

Minutos depois, luzes surgiram.
Fortes.
Vindas de um caminhão militar.

Tentei correr, mas escorreguei na lama.
Armas foram apontadas.
Comandos em inglês.

— DOWN! DOWN!
— He's American! Wait — he's a kid!
— We got him!

Alguém me puxou.
Alguém gritou que eu estava salvo.

Mas eu não sentia nada.

Não havia salvação ali.
Não sem elas.

Eles me colocaram dentro do caminhão.
Me cobriram com uma manta.
Tentaram falar comigo.

Mas eu...
eu só olhava pra janela.

Pra chuva.
Pro girassol que agora estava no chão.
E pensava:

"Elas se foram. Elas se foram. Elas se foram..."

O caminhão partiu.

Enquanto ele sumia pelas estradas escuras de Moscou, uma câmera de um jornalista escondido capturava a imagem:

Um jovem, coberto de lama, com os olhos perdidos, sendo levado como o último sobrevivente da guerra.

Capítulo 11 – Ruínas em Movimento

O caminhão balançava a cada buraco da estrada.

As luzes internas estavam apagadas.
Apenas um filete de claridade entrava pela fresta entre a lona e a parte metálica.
O som do motor era constante. Quase hipnótico.

Eu estava sentado num banco duro, coberto por uma manta militar.
Mas sentia frio.
Frio na pele.
Frio na alma.

Do lado de fora, chuva.
Do lado de dentro, **silêncio.**

— Fique tranquilo, garoto. Você está salvo agora — disse um dos soldados.
Mas aquelas palavras não significavam nada pra mim.

Salvo de quê?
Elas não estavam comigo.
Então eu não estava salvo.

Fechei os olhos e o mundo virou memória.

Eu via o desenho da Tanya flutuando na poça de água suja.
O lenço da Katlyn caído no chão.
O girassol despedaçado.
O tiro.

Aquele maldito tiro.

Tentei não pensar.
Mas era impossível.

A dor vinha em ondas.
Como se meu coração estivesse gritando sem som.
Como se tudo dentro de mim estivesse... quebrado.

Horas se passaram.
Talvez um dia inteiro.

Recebi uma ração embalada. Não comi.
Recebi água. Só molhei os lábios.

Um médico militar me examinou no caminho. Disse que eu estava desidratado, subnutrido, mas sem ferimentos graves.
— Você é um milagre, rapaz — ele disse.

Milagre.

A palavra me enojava.

Se eu era um milagre...
então por que elas não estavam ali comigo?

Chegamos a uma base.
Fui levado para dentro de um alojamento temporário.
Uma cama. Um chuveiro. Roupas novas.
Mas nada parecia real.

Me sentia como uma casca vazia.

No quarto, uma mochila nova esperava por mim.
Dentro dela, um cartão com um selo da embaixada dos EUA:

"Você está a salvo. Bem-vindo de volta."

De novo, aquela palavra.
A salvo.

Mas ninguém ali sabia o que eu deixei pra trás.

Naquela noite, tentei dormir.
Mas tudo que via era o rosto da Katlyn me dizendo:

"Volta, Joseph... Por favor... volta."

E agora, era eu quem sussurrava no escuro:
— Volta, Katlyn... volta pra mim...

As lágrimas vieram. Quentes. Silenciosas.
Escorreram até o travesseiro sem força alguma.
Sem resistência.

Eu tremia por dentro.
Por fora.
Por inteiro.

E ali, sozinho, deitado numa cama de lençol limpo…
 no meio de uma base protegida por cercas e soldados…

Pela primeira vez desde o início da guerra…
 eu chorei como uma criança.

E pela primeira vez…
 eu aceitei que talvez…
 elas **não voltassem mais.**

Capítulo 12 – O Cativeiro do Silêncio

A base americana era limpa, organizada e funcional.
 Soldados andando de um lado pro outro, médicos dando ordens, helicópteros pousando e decolando.
 Tudo parecia funcionar… como uma máquina.

Menos eu.

Eu era a peça fora do lugar.
 A única engrenagem que girava ao contrário.

— Joseph Mendel, 17 anos. Americano. Nascido em Nova Jersey.
 — Presumido morto há nove meses.
 — Mas… sobreviveu.

Essas eram as frases que ouvi o dia inteiro.
 Sussurradas nos corredores.
 Anotadas em pranchetas.
 Gravadas em relatórios confidenciais.

Mas ninguém…
 ninguém me perguntava **o que eu sentia**.

Fiquei dois dias na ala médica da base.

Me deram roupas limpas, sapatos novos, um banho quente.
 Alimentos ricos em proteína, vitaminas, água purificada.

Um psicólogo tentou conversar.

— Você quer contar o que viveu, Joseph?
— Você viu pessoas morrendo?
— Você quer desabafar?

Mas toda vez que abria a boca, a única pergunta que saía era:

— E as meninas?
Katlyn. Tanya.
Vocês encontraram elas?

O silêncio era sempre a resposta.

Ou pior... frases automáticas:

— Estamos investigando.
— Ninguém mais foi identificado.
— Você estava sozinho quando te encontraram.

Sozinho.

Essa palavra doía mais que o frio da guerra.

No terceiro dia, um coronel veio falar comigo.

— Joseph, você está salvo agora. Sua história está comovendo o mundo.
— O mundo inteiro está falando sobre você.

Ele me mostrou uma tela.

Várias reportagens se acumulavam.

"Último Sobrevivente Jovem da Guerra Resgatado em Moscou."
"Herói adolescente comove o planeta com sua história."
"Sobreviveu à fome, ao frio, à guerra... e voltou para casa."

Fotos minhas no caminhão.
De costas. De perfil.
De olhos perdidos.

Mas em nenhuma...
nenhuma sequer...
apareciam Katlyn ou Tanya.

"Elas sumiram do mundo", pensei.
"E ninguém tá procurando."

Naquela noite, me trancaram num quarto maior, com TV, cama de verdade, e até um cobertor com cheiro de amaciante.
Mas parecia uma cela de luxo.

Porque o que me prendia não eram as paredes.
Era a culpa.

Peguei um papel e comecei a escrever.

Primeiro, só uma frase:

"O mundo inteiro me enxerga. Mas eu só queria ver duas pessoas."

Depois mais:

"Todo mundo diz que eu sobrevivi. Mas ninguém pergunta por quem eu chorei."
"Herói? Só se o herói tiver falhado."

Escrevi até a mão doer.

Depois dormi abraçado ao lenço da Katlyn.
O mesmo que ela me deu no último dia.
A última coisa dela que ainda era minha.

Fechei os olhos.

E sonhei com a casa vazia.
O girassol no chão.
O tiro.
O silêncio.

Acordei com uma notícia:

— Joseph, a imprensa quer te ver. O mundo quer te ouvir.

Mas dentro de mim, eu só pensava:

"O mundo quer o meu rosto...
...mas tudo que eu quero é saber se o rosto dela ainda existe."

Capítulo 13 – A Imagem Que Rodou o Mundo

Ligaram a TV antes mesmo do café da manhã chegar.

— Joseph, olha isso... — disse uma oficial, entrando no quarto com o controle remoto.

Eu estava deitado, coberto até o pescoço, com os olhos fixos no teto.
Não queria ver nada.
Não queria ouvir nada.

Mas quando ouvi o som do **Plantão da Globo**, meu corpo congelou.

— Interrompemos nossa programação para uma notícia ao vivo: o jovem Joseph Mendel, de 17 anos, natural de Nova Jersey, foi oficialmente reconhecido como o último sobrevivente da zona vermelha de Moscou. Após mais de um ano de guerra, o jovem foi encontrado por tropas americanas e transferido para uma base segura.

— Ele sobreviveu à fome, ao frio e à destruição. O mundo inteiro acompanha agora o que já está sendo chamado de "O Milagre de Moscou."

A imagem mudou.
Era eu.

Sujíssimo, magro, com os olhos perdidos, dentro do caminhão.
Uma câmera amadora captou meu rosto pela fresta da lona.

Depois, vieram vídeos de arquivo: fotos da cidade destruída, soldados carregando bandeiras, cenas de bombardeio — e então de novo, **eu**, como se fosse o herói de uma guerra que nunca pedi pra viver.

— Joseph ainda não falou à imprensa, mas já é símbolo de resistência para milhões de jovens ao redor do mundo.

Desliguei a TV com um soco.
A tela escureceu.

A oficial me olhou assustada.
— Desculpa, Joseph... é que...

— Onde estão elas? — perguntei com os dentes cerrados.
— O mundo inteiro me viu. Todo mundo ouviu meu nome.
— Mas... **e o nome dela? O nome da irmã dela?**

A mulher abaixou a cabeça.
Não tinha resposta.

Fiquei em silêncio o resto do dia.
Não comi.
Não falei.
Não olhei ninguém nos olhos.

Pedi papel. Caneta.

Comecei a escrever nomes.
Um por um.

Katlyn
Tanya
Bisavó Marchan
Pai da Katlyn
Mãe da Katlyn
Garoto da farmácia
Senhor do mercado

Era minha tentativa de impedir que o mundo apagasse quem realmente lutou.

Porque enquanto os jornais diziam:

“Joseph sobreviveu.”

Eu pensava:

“Não. Joseph ficou. Mas sobreviveu mesmo... quem o ensinou a amar.”

À noite, recebi uma ligação da Casa Branca.

— O presidente quer que você venha fazer um pronunciamento.

— Um pronunciamento?

— O mundo precisa de esperança. Você é essa esperança.

Olhei pro espelho.
Não vi esperança.
Vi um garoto cansado.
Olhos vermelhos. Lábios rachados.
Mãos trêmulas.

Mas então pensei:

> “Se o mundo quer me ouvir...
> então eu vou falar por elas.”

Fechei o caderno com força.

E pela primeira vez desde que voltei...
decidi sair do silêncio.

Capítulo 14 – Que Tipo de Herói?

O avião pousou em solo americano às 6h42 da manhã.

O céu de Nova Jersey estava azul.
Tão azul que doía nos olhos.

Do lado de fora da janela, vi carros, pessoas, prédios — tudo parecia... vivo demais.
Barulhento demais.
Colorido demais.

Como se o mundo tivesse seguido em frente, enquanto eu fiquei congelado no tempo.

A porta do avião se abriu e a luz do dia bateu direto no meu rosto.

Câmeras.
Gritos.
Placas dizendo “Bem-vindo, Joseph!”
Repórteres tentando se aproximar.
Microfones me esperando como se eu tivesse algo grandioso pra dizer.

Mas eu não disse nada.

Só caminhei.

Lento.
Com o lenço da Katlyn no bolso.
Com o caderno apertado contra o peito.

E então...
eu vi eles.

Lanna e Michael. Meus pais.

Minha mãe correu primeiro.
Me abraçou como se eu ainda tivesse 7 anos.
Como se ela pudesse costurar todos os pedaços quebrados com um toque.

— Meu filho... meu Deus... você voltou... — disse Lanna, entre soluços.

Michael veio logo depois, tentando parecer forte. Mas quando me olhou nos olhos...
desabou.

— Eu... eu achei que tinha te perdido pra sempre, Joe.

Eles me abraçaram os dois.
Me apertaram.
Me cercaram de um amor que deveria me aquecer.

Mas dentro de mim... algo não encaixava.

Sim, eu estava ali.
Sim, era o Joseph.
Mas **parte de mim ainda estava em Moscou.**

Com ela.
Com a irmã dela.
Com tudo que o mundo tinha esquecido.

Na van do governo que nos levou até o hotel, Lanna não parava de me olhar.
Michael segurava meu ombro com firmeza, como se temesse que eu desaparecesse de novo.

— Estamos tão orgulhosos de você... — disse minha mãe.
— Você é um herói, Joe — completou meu pai.

Quando ouvi essa palavra, me encolhi por dentro.

Herói?

O que é um herói?

Eu sobrevivi.
Mas... e quanto às promessas que fiz?

“Eu volto, Katlyn.”
“Eu te protejo, Tanya.”

Eu falhei.
E agora o mundo queria me aplaudir?

Não fazia sentido.

Olhei pela janela.

Pessoas andavam apressadas nas calçadas. Crianças indo pra escola.
Cães passeando com donos.
Casais tomando café.

Era como se a guerra nunca tivesse existido ali.
Como se o caos não tivesse tocado essa terra.

E de repente...
senti raiva.

Raiva de estar vivo.
Raiva de estar salvo.
Raiva de não ter feito mais.

Naquela noite, no hotel, recebi flores de embaixadas.
Bilhetes assinados por políticos.
Convites para programas de TV.

E no meio de tudo...
uma notificação no celular novo que me deram.

"O presidente dos EUA convida oficialmente Joseph Mendel para discursar na Casa Branca."

Me sentei na cama.

Peguei o papel.
Olhei pro caderno.

E escrevi:

"Eles querem me ouvir.
Mas será que querem a verdade?"

Fechei os olhos.

E vi o sorriso da Katlyn.
E ouvi a voz da Tanya.

"Volta, Joseph. Por favor... volta."

E dentro de mim, respondi:

"Eu voltei. Mas... pra qual mundo?"

Capítulo 15 – Palavras Que Não Consolam

Duas folhas em branco.

Era isso que eu tinha na frente.

Um envelope do governo, carimbado com selo oficial, dizia:

“Discurso de Joseph Mendel – Casa Branca, 17 de junho, 11h.”

A mesma data do aniversário da Katlyn.

Coincidência?

Ou só mais uma forma do universo me lembrar que eu estava longe dela... e que talvez nunca mais a visse?

Peguei a caneta.

Escrevi:

“Eu sou Joseph Mendel.”

Parei.

Risquei.

Escrevi de novo:

“Sobrevivi a Moscou.”

Parei.

Risquei.

Nada parecia certo.

Como falar sobre sobrevivência... quando as pessoas mais importantes da minha vida **não sobreviveram comigo?**

Saí do quarto.
O hotel era alto.
Fiquei observando os carros passando lá embaixo, como se fossem formigas.
Tudo tão rápido. Tão normal.

Meus pais me encontraram no corredor.

— Tá tudo bem, filho? — perguntou Lanna.

— O que eu falo, mãe? O que eu digo pra um país inteiro que espera que eu os inspire... quando tudo que eu queria era inspirar uma menina chamada Tanya a desenhar mais um sol?

Ela não respondeu.
Só me abraçou.

Michael colocou a mão no meu ombro.

— Talvez você não precise dizer nada grandioso. Talvez só precise... dizer a verdade.

Naquela tarde, fui até o colégio onde estudei.

O pátio estava diferente.
Os rostos também.

Alguns estudantes me reconheciam, cochichavam, sorriam como se me conhecessem.
Mas ninguém ali sabia.

Ninguém ali sabia o que era dormir num porão durante um bombardeio.
Ninguém ali sabia o que era dividir um pedaço de pão mofado com duas pessoas famintas.
Ninguém ali sabia o que era carregar esperança no bolso... e ver ela se desfazer no chão.

Voltei pro hotel com a cabeça fervendo.

Naquela noite, sonhei.

Katlyn estava sentada no banco do parque.
O mesmo da neve.
O mesmo do beijo.

Ela sorria.
Tanya corria em volta dela, rindo, com o cabelo voando ao vento.

Me aproximei.

— Vocês estão... bem?

Katlyn olhou pra mim.
— Você ainda carrega culpa, né?

— Eu falhei com vocês.

Ela balançou a cabeça.

— Não, Joseph. A culpa não é sua.
— Você sobreviveu. E agora... **fala por nós.**

Tanya parou na frente do banco, segurando um papel.

— Lê isso, Joseph — ela disse, sorrindo.

Peguei o papel.

Estava escrito com a caligrafia dela:

“Salvem os jovens...
em nome do amor.”

Acordei com lágrimas nos olhos.
O lenço da Katlyn apertado na mão.

Sentei na mesa.
Peguei a caneta.

E pela primeira vez...
as palavras vieram.

Capítulo 16 – Vozes no Escuro

O carro preto chegou às 6h da manhã.

Do lado de fora do hotel, tudo estava cercado.
Homens de terno, rádios no ouvido, câmeras.
Ninguém sorria.

— Joseph, é hora — disse um agente da segurança.

Meus pais, Lanna e Michael, me abraçaram antes da porta se fechar.
— Estamos com você — disse ela, com os olhos marejados.
— Sempre — completou ele, segurando minha mão como quando eu era pequeno.

O caminho até Washington foi em silêncio.

No carro, me deram o terno.
Gravata azul. Camisa branca.
Sapatos que brilhavam mais do que deviam.

Vesti tudo devagar, como quem se prepara para um funeral.
Porque de certo modo...
era isso mesmo.

A morte da minha antiga vida.
A despedida da culpa.
Ou, pelo menos... a tentativa.

Chegamos à Casa Branca pouco antes das 10h.

O auditório já estava montado.
Bandeiras dos EUA e da ONU nos cantos.

Mais de 300 pessoas presentes.
Chefes de estado. Sobreviventes. Famílias. Crianças. Jornalistas.

Um homem me entregou uma cópia impressa do meu discurso.
— Está tudo pronto — disse.
— Quando chegar sua vez, é só subir. O mundo inteiro vai estar assistindo.

Assenti com a cabeça.
Mas minhas mãos tremiam.

Fui levado para uma sala reservada.
Ali, sozinho, com os refletores quase acesos do outro lado da parede...
eu tive vontade de fugir.

Pensei na Katlyn.
Na Tanya.
No parque.
No girassol.
No beijo.
No tiro.

“E se eu não for capaz de falar?”
“E se minha voz falhar?”
“E se tudo isso for em vão?”

Me levantei, andei de um lado pro outro.
O suor escorria pelas costas.
A gravata sufocava.
A luz do espelho do camarim doía nos olhos.

Fechei os olhos.

E então... escutei.

Não com os ouvidos.
Mas com o coração.

Uma voz.

“Fala por nós.”

Abri os olhos.
Me olhei no espelho.
Não vi um herói.

Mas vi alguém que **amou.**
Que **perdeu.**
Que **sobreviveu.**

E mais que tudo...
alguém que **precisava dizer a verdade.**

O assistente apareceu na porta.

— Joseph? Você é o próximo.

Respirei fundo.

Peguei o caderno.
O lenço da Katlyn.
E subi as escadas.

Luz.
Câmeras.
Corações batendo.

E um silêncio...
à espera da primeira palavra.

Capítulo 17 – O Discurso do Sobrevivente

As luzes do auditório da Casa Branca estavam voltadas para mim.

De pé atrás do púlpito, com as mãos no papel e o lenço da Katlyn no bolso, senti como se o mundo estivesse prendendo a respiração... esperando.

O microfone captava até minha respiração.

Abaixei os olhos.
Li a primeira frase do discurso.

E então...
levantei a cabeça.

Olhei pro salão.

Vi presidentes.
Ministros.

Militares.
Jornalistas.
Famílias inteiras.

Mas não vi ela.

Ainda não.

Apertei o papel nas mãos.
Respirei fundo.

E comecei.

"Meu nome é Joseph Mendel.

Sou de Nova Jersey.

E por um tempo, fui chamado de ‘O Último Sobrevivente.’

Mas... isso não é verdade.

Porque eu não fui o único.
Porque ninguém sobrevive sozinho."

Pausa. Silêncio.

"Eu sobrevivi porque alguém dividiu a última fatia de pão comigo.
Porque uma menina pequena desenhava girassóis pra me dar coragem.
Porque uma garota me olhava com os olhos mais fortes que a guerra."

Minha voz tremeu.

"O mundo quer me chamar de herói.
Mas heróis não choram escondido.
Não tremem ao ouvir o vento.
Não sentem culpa por estarem vivos.

Eu sou só um garoto que prometeu que voltaria por duas pessoas.
E que até agora... não sabe se conseguiu."

As câmeras continuavam filmando.
Alguns olhos já estavam marejados.

Continuei.

"Enquanto eu comia ração militar em segurança,
milhares ainda correm com medo.

Enquanto eu durmo em cama quente,
milhares dormem sobre frio, silêncio... ou saudade.

A guerra não terminou porque um de nós voltou.
A guerra termina quando a gente entende...
que ninguém vence sozinho.

E que...
salvação sem quem a gente ama... não é salvação.
É sobrevivência vazia."

E então...
no meio da multidão...

Meus olhos travaram.

Do lado esquerdo do salão.

Dois rostos.

Dois rostos que eu pensei ter perdido pra sempre.

Katlyn.
Tanya.

Vivas.
Ali.

De pé.

Com os olhos cheios.
Com o coração pulsando.
Com a vida... **gritando silenciosa.**

Me faltou o ar.
O papel escorregou da minha mão.

Mas eu não precisava mais dele.

Eu sorri.
Chorei.
E disse:

"Eu achei que o mundo tivesse acabado no dia em que deixei Moscou.
Mas ele só estava esperando elas voltarem."

Segurei o microfone com força.

E, olhando direto pra elas, mas falando ao mundo, eu disse:

"Salvem os jovens... em nome do amor.

Salvem o que ainda dá pra reconstruir.

Porque eu estive do outro lado.
E posso dizer:
O amor... é a única coisa que a guerra nunca conseguiu matar."

O auditório explodiu em palmas.

Mas pra mim, tudo que existia naquele momento...
era **ela**.

Katlyn correu até a frente.
Tanya veio atrás, com os braços esticados.

Eu desci do palco correndo.
Atravessei os seguranças.
Deixei o mundo todo pra trás.

E quando a abracei...
soube que agora sim...

eu estava salvo.

Capítulo 18 – O Milagre

A multidão gritava.
Os flashes não paravam.
Mas eu só enxergava ela.

Katlyn. Viva.

Tanya se pendurou no meu pescoço, chorando e rindo ao mesmo tempo.

— Joseph!!! Você tá aqui!!! Você tá mesmo aqui!!!

Eu a peguei no colo, girando.
Ela apertava meu rosto com as duas mãos, como se não acreditasse.

— Eu sabia que você ia voltar — ela dizia. — Eu sabia!

Mas foi quando olhei nos olhos da Katlyn...
que o mundo realmente parou.

Ela estava com o cabelo mais curto.
Marcas no rosto.
Mais magra.
Mas... **ela era ela.**

Me aproximei.
As palavras não saíam.

Ela tocou meu peito, sobre o lenço dela que eu ainda carregava.
E disse baixinho:

— Eu prometi que nunca ia deixar você sozinho.

Eu chorei.

A gente se abraçou com tanta força...
que parecia que o tempo inteiro da guerra estava sendo desfeito naquele abraço.

Fomos levados para uma sala reservada.
Longe da imprensa.
Longe do mundo.

Só nós três.
E o silêncio que finalmente fazia sentido.

Tanya dormia no colo da Katlyn, exausta da emoção.

Eu me sentei ao lado dela, ainda sem conseguir parar de olhar.

— Como? — perguntei. — Como você sobreviveu?

Ela respirou fundo.

— Depois que você saiu...
pouco tempo depois, bateram na porta.
Não foram soldados. Foram voluntários da Cruz Vermelha. Um grupo que estava entrando escondido nas áreas em conflito.
Eles disseram que tinham visto você correndo... e decidiram vasculhar a área pra encontrar quem ainda estivesse vivo.

— E vocês estavam lá...

— Eu me escondi com Tanya no porão quando ouvi tiros.
Mas... eles bateram com calma. Falaram nossos nomes.
Disseram que você tinha sido levado. Que estavam tentando resgatar quem restou.

— E você confiou?

Ela hesitou.

— Eu confiei no seu amor.
Porque se você estivesse vivo... você ia tentar voltar.
E eu precisava estar viva pra quando isso acontecesse.

Meus olhos arderam.

Ela continuou:

— Nos levaram pra um abrigo secreto fora de Moscou.
A ONU mantinha o local escondido por causa da ofensiva americana.
Foram semanas em silêncio. Depois, conseguiram mandar a gente de avião pra Portugal. De lá... pra cá.
Mas só ontem descobriram que você ia falar na Casa Branca.
A embaixada nos conseguiu entrada de última hora.

Ela olhou pra Tanya, dormindo, e disse:

— A gente veio correndo.
A gente veio pra **te encontrar**.

Eu segurei a mão dela.

— E você me encontrou.
No momento certo.

Ela sorriu.

— Eu achei que você tinha morrido.
Mas quando ouvi sua voz lá em cima...
eu soube que era você.
Ainda era você.

Ficamos em silêncio por um tempo.

Depois, encostei a testa na dela e sussurrei:

— Depois da guerra...
— ...eu te amo — ela completou, com um sorriso cansado.

— Eu também te amo — falei, com o coração inteiro de novo.

Naquela noite, sem esconderijos, sem bombas, sem medo...

nós dormimos juntos.

Pela primeira vez em paz.
De verdade.

Porque agora...
nós éramos **milagre**.

Capítulo 19 – Sobreviventes Não São Heróis

Dois dias depois do discurso na Casa Branca, recebi o convite.

Era da maior emissora do país.
Entrevista exclusiva.
Em horário nobre.

Minha primeira reação foi recusar.
Mas Katlyn me olhou com aquele olhar que atravessa tudo.

— Vai, Joseph.
— Fala por nós, de novo. Mas... dessa vez, sem papel. Só com o coração.

O estúdio estava cheio de luzes, câmeras e pessoas que falavam baixo e andavam rápido.
Me colocaram microfone. Passaram maquiagem.
Disseram pra eu "ficar à vontade".

Difícil ficar à vontade... quando o mundo inteiro vai te ouvir de novo.

A apresentadora sorriu.
— Joseph Mendel. O garoto que sobreviveu à guerra. O símbolo da juventude forte. O herói do milagre.
— Como você se sente sendo chamado assim?

Sorri... sem sorrir.

Olhei direto pra câmera.
E falei devagar.

— Eu não sou herói.

Silêncio no estúdio.

— Heróis salvam.
Eu só... sobrevivi.
E mesmo assim, nem sei se do jeito certo.

— Heróis vencem batalhas.
Eu perdi amigos. Perdi tempo. Perdi fé.
Até reencontrar tudo isso... no abraço de duas pessoas que o mundo nem sabia que existiam.

A apresentadora se ajeitou na cadeira.
Mas não me interrompeu.

— Eu fui resgatado...
Mas a verdade é que **quem me salvou foi o amor.**

— Foi a menina que me deu um lenço e disse: "volta pra mim".
Foi a garotinha que desenhou asas nas nossas costas quando a gente já não conseguia mais andar.
Foram elas que me fizeram resistir.
E foram elas que o mundo quase esqueceu.

Parei. Respirei fundo.

— Eu não quero estátuas. Nem livros de história.
Quero que a gente lembre de todos os que não voltaram.
Dos que morreram esperando um resgate.
Dos que amaram até o último dia.

— Eu só sou quem sou...
porque o amor me levou até o fim.
E me trouxe de volta.

A apresentadora, com os olhos marejados, sussurrou:

— Você ainda acredita no amor?

— Eu não só acredito.
Eu **vivi** por ele.
E agora... eu **vivo** com ele.

A entrevista viralizou.
Milhões assistiram.
Mas, pela primeira vez, eu não ligava pros números.

Porque naquela mesma noite...
quando voltei pro hotel...
Katlyn e Tanya me esperavam na varanda, com duas canecas de chocolate quente.

Tanya sorriu e disse:

— A TV falou de você de novo, Joseph.

Eu sorri de volta.

— E vocês? Vocês viram?

Katlyn respondeu, com os olhos brilhando:

— A gente não precisa ver.
A gente já sabia.

Sentamos juntos.
Silenciosos.
De mãos dadas.

E, enquanto o céu estrelava de novo...

eu entendi: sobreviventes não são heróis. São só pessoas que amaram o suficiente pra não desistir.

Capítulo 20 – Depois da Guerra

O tempo passou.

Não muito.
Mas o suficiente pra feridas virarem cicatrizes.

Agora, moramos em uma casa pequena, nos arredores de Nova Jersey.
Tem um jardim nos fundos.
Uma varanda com três cadeiras.
E um espaço onde Tanya planta coisas com nomes inventados.

Ela chama o canteiro de “o lugar onde a esperança cresce”.

Katlyn voltou a desenhar.

Ela tem um caderno novo.
Cheio de rabiscos, lembranças, e ideias de como seria o parque de inverno... se a gente construísse um aqui.

Ela sorri mais.
Mas ainda acorda às vezes no meio da noite.
Quando isso acontece, eu seguro sua mão até ela dormir de novo.

E eu...
eu escrevo.

Conto a história.
Página por página.
Não como herói.
Mas como alguém que **sobreviveu ao próprio silêncio.**

Hoje é 17 de junho.

Aniversário dela.

Katlyn está no jardim com Tanya.
Estão ajoelhadas, colocando sementes no chão.
Girassóis.

Aqueles que ela dizia que nunca mais veria florescer.

— Acha que vão nascer? — Tanya pergunta.

— Vão sim — Katlyn responde. — Porque a gente não vai mais embora.

Me aproximo com três copos de limonada.
Entrego um pra cada.
Katlyn sorri e segura minha mão.

— Você se lembra do que me disse... no parque?

Eu sorrio também.

— Como eu esqueceria?

Me abaixo ao lado dela.
Juntos, cobrimos a última semente com terra.

E digo:

— Depois da guerra...
eu te amo.

Ela responde, com os olhos cheios de vida:

— Eu também te amo.
Depois da guerra.
E pra sempre.

Nos sentamos no chão.
O sol toca nossas costas.

Tanya deita no meu colo e fecha os olhos.
Katlyn se encosta em mim.
O vento sopra leve.

Nada de explosões.
Nada de sirenes.
Nada de medo.

Só nós.
Só paz.
Só um mundo que, pela primeira vez em muito tempo... **permite respirar.**

Fecho os olhos.
E penso:

"*Talvez não exista final feliz.*
Mas existe final em paz.
E isso... já é um milagre."

fim.